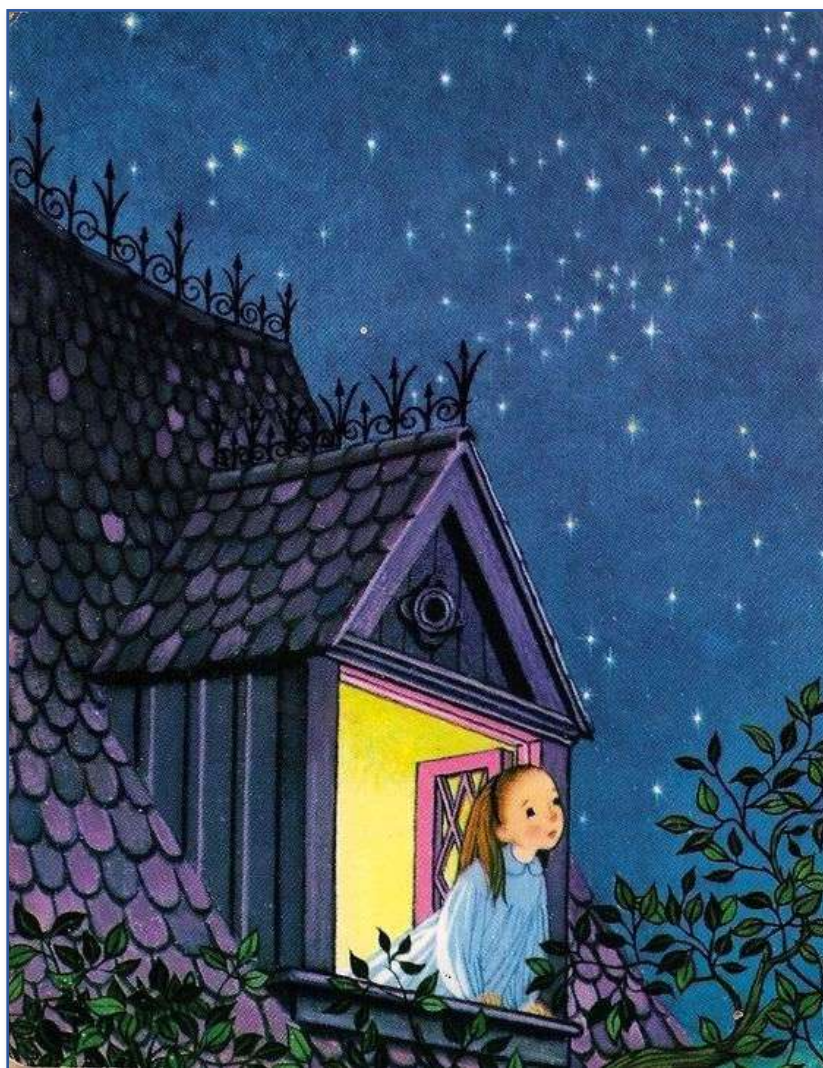




Uma Estrela com Luz de Poesia

De repente, passou uma pequena nuvem de tristeza sobre os olhos de Francisca. A avó Josefa partira há dois anos para um sítio de onde ninguém costuma mandar notícias. Antes da partida ainda sofreu muito, e tão depressa a queria junto de si, para sentir o calor do seu carinho, como a queria longe, para não se aperceber dos rostos que o sofrimento pode ter.

Francisca ainda era pequena mas nunca mais esqueceu a dor daquela perda. Foi como se o mundo, naquele dia, tivesse decidido mostrar-lhe o seu lado negro e atemorizador, como se o sol se tivesse zangado com a claridade dos dias e como se até as lágrimas se recusassem a sair para não verem como dói ser infeliz.

Era dezembro e, lá em casa, nesse ano, ninguém quis festejar o Natal, porque não havia vontade de dar nem de receber presentes e porque todas as conversas se encaminhavam no mesmo sentido, que era o da tristeza e do desconsolo.

Antes de partir, a avó Josefa dissera a Francisca:

— Uma noite, quando já estiver habituada à minha nova morada, hei de dar-te sinal para que saibas que estou bem e que penso em ti.

Francisca lembrou-se sempre dessas palavras e encontrou, nos poemas que lia nos livros da escola, palavras mágicas e belas que eram iguais às que a avó Josefa usava quando queria mostrar-lhe que, por vezes, a beleza de uma coisa pode estar na forma que usamos para a nomear.

— Pode dizer-se de uma coisa — explicava a avó Josefa — somente aquilo que os olhos veem. Mas também se pode acrescentar qualquer coisa que a torne mais bonita e mais agradável de ver. Isso, minha filha, chama-se Poesia.

Quando Francisca lhe pediu para explicar melhor o que queria dizer, ela deu-lhe alguns exemplos:

— Podemos dizer: “isto é uma árvore”, mas também podemos dizer: “esta árvore está triste porque tem sede” ou “esta árvore é alta e elegante como uma girafa num dia de primavera”.

Francisca percebeu sem esforço as palavras da avó Josefa e, a partir desse dia e desses exemplos, compreendeu que a Poesia havia de ajudá-la a estar sempre perto da avó, estivesse ela onde estivesse, por maior que fosse a distância que as separava.



Tinha passado um ano e a família preparava-se para festejar mais um Natal. Tinham-se distribuído tarefas e cada um dava o melhor que podia e sabia para realizar bem a que lhe coubera. Uns ajudavam a mãe a pôr a mesa, outros verificavam se os ornamentos da árvore de Natal estavam todos no lugar certo, outros ainda colocavam os presentes nos lugares certos para poderem ser localizados na hora de serem distribuídos, quando fosse meia-noite.

Francisca também cumpriu as suas tarefas, que não eram nem mais fáceis nem mais difíceis que as dos outros, mas nem mesmo estando ocupada conseguia disfarçar a tristeza que as saudades da avó Josefa lhe punham nos gestos e nos olhos. Todos sabiam qual era a razão dessa tristeza, mas estava assente que, naquela noite, ninguémalaria no assunto. A avó Josefa, que não tinha rival na forma de organizar a festa de Natal, seria lembrada por todos em silêncio, pois as palavras mais belas tinham viajado com ela para muito longe.

Quando se ouviram, na torre da igreja, as doze badaladas da meia-noite, Francisca sentiu que uma lágrima lhe escorria pela face como se fosse uma pérola de um tesouro antigo e secreto. Foi então que um dos irmãos, o Afonso, lhe disse, tentando animá-la e distraí-la:

— Francisca, há uma estrelinha no céu, lá muito alto, que parece estar a chamar por ti.

Francisca correu para a janela, limpou a lágrima, olhou para a estrela e conseguiu ver no seu brilho intenso o rosto da avó Josefa sorrindo para ela como nos tempos em que lhe contava histórias estranhas e belas para a convencer a comer a sopa.

Quando chegou o momento de se distribuírem os presentes, coube a Francisca, para além de muitas coisas que lhe deram grande satisfação, um belo livro de poemas sobre árvores, rios e animais, ilustrado com muita imaginação e cores muito vivas.

— Quem foi que me deu este livro? — quis saber Francisca. Mas ninguém lhe respondeu.

— Vá, digam lá, quem foi que me deu este livro tão bonito? — insistiu ela, mas continuou a não obter resposta.

Então Francisca pegou no livro, foi para junto da janela e recitou baixinho o mais belo poema que encontrou, como se estivesse a conversar com a avó. Ninguém comentou o seu gesto ou o achou estranho.

Lá fora, a pequena estrela brilhava ainda com maior intensidade, como se quisesse encher de luz, de uma luz cintilante e rara, aquela festa de Natal.



E quando Pedro, o irmão mais novo de Francisca, na manhã seguinte lhe perguntou do que mais tinha gostado na festa de Natal, ela respondeu de uma forma breve e simples:

— Do que eu mais gostei foi da Poesia.

— E o que é a Poesia? — perguntou Pedro.

— É uma estrelinha perdida na noite a querer dizer-nos que está sempre alguém connosco quando nos sentimos tristes e temos saudades de quem já partiu.

Também Pedro nunca mais se esqueceu de como pode ser bela a palavra Poesia.



José Jorge Letria
A Árvore das Histórias de Natal
Porto, Ambar, 2006

Uma Estrela com Luz de Poesia

- 1. A perda da avó Josefa teve um forte impacto na vida de Francisca. Explica porquê.**
- 2. Como reagiu a família a esse desenlace?**
- 3. O que prometeu a avó a Francisca antes de partir? Assinala o parágrafo que contém essa informação.**
- 4. Que exemplos usou para ensinar à neta o significado de Poesia?**
- 5. “Tinha passado um ano e a família preparava-se para festejar mais um Natal.” O que sentiu Francisca quando ouviu as doze badaladas da meia-noite?**
- 6. Na tua opinião, o que simboliza a estrela no céu?**
- 7. Que presente recebeu, e por que razão foi esse presente tão especial?**
- 8. O que respondeu Francisca quando o irmão Pedro lhe perguntou o que era a Poesia? Transcreve a frase.**
- 9. Que mensagem transmite o texto sobre o poder das palavras e das memórias?**
- 10. Escreve uma frase, ou um pequeno poema, que resuma o que sentiste ao ler esta história.**